

**Quem disse que crianças não sabem fazer curadoria?
'Ver diferentes (ver)sões é legal!'**

Magali Oliveira Frassão
(InfânciaS Escola de Educação Infantil — Porto Alegre/RS, Brasil)

Leni Vieira Dornelles
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)

RESUMO — Quem disse que crianças não sabem fazer curadoria? 'Ver diferentes (ver)sões é legal!' — O artigo apresenta a exposição "Ver diferentes (ver)sões é legal" que foi construída na interação entre crianças, professoras, pesquisadores e profissionais do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho de campo gerou dados capazes de mostrar à comunidade acadêmica os modos como as crianças de uma escola de Educação Infantil construíram a curadoria da exposição. Tomando como mote a interação entre literatura infantil e artes expressivas. Tal mostra exigiu das crianças um olhar atento, interessado, reflexivo das práticas que já ocorriam na escola. Relacionavam as formas como as propostas que envolviam as Artes Visuais eram pensadas para serem expostas no Museu. O texto atenta para como as leituras, estudos, encontros, planejamentos, avanços, recuos, que fizeram parte do processo vivido por parte da equipe, demonstram como se aprende com as crianças, quando as condições para conhecer, criar, apreciar, trocar, imaginar são possibilitadas. Mostra que elas não foram meros leitores passivos de um trabalho de artes; pelo contrário, apresentaram suas artistagens e como estas estavam incorporadas às suas vivências nos Museus da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Crianças. Museu. Curadoria. Artes. Linguagens.

RESUMEN — ¿Quién dice que los niños no pueden hacer el comisariado de una exposición? '¡Ver diferentes (ver)sões é legal!' — El artículo presenta la exposición "Ver diferentes (ver)sões é legal" que fue construida en la interacción entre niños, maestras, investigadores y profesionales del Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. El trabajo de campo generó datos capaces de mostrar a la comunidad académica las maneras como los niños en una escuela de Educación Infantil construyeron el comisariado de la exposición. Tomando como mote la interacción entre literatura infantil y artes expresivas. Tal muestra exigió de los niños una mirada atenta, interesada, reflexiva de las prácticas que ya ocurrían en la escuela. Relacionaban las formas como las propuestas que envolvían las Artes Visuales eran pensadas para que fuesen expuestas en el Museo. El texto atenta para como las lecturas, estudios, encuentros, planificaciones, avances, retrocesos, que hicieron parte del proceso vivido por parte del equipo, demuestran cómo se aprende con los niños, cuando las condiciones para conocer, crear, apreciar, cambiar, imaginar son possibilitadas. Muestra que ellos no fueron meros lectores pasivos de un trabajo de artes; al contrario, presentaron sus "artistagens" y cómo estas estaban incorporadas a sus vivencias en los museos de la ciudad.

PALABRAS CLAVE

Niños. Museo. Comisariado. Artes. Lenguajes.

*Carrego meus primórdios num andor
Minha voz tem vício das fontes.
Eu queria avançar para o começo
Chegar no criancamento das palavras...
Manoel de Barros*

Foram os respingos e os desassossegos oriundos da pesquisa “Crianças em espaços expositivos: abrimos a porta do gigante”¹ em nossa escola que suscitaram pensarmos e organizarmos visitas sistemáticas a Museus possibilitando às crianças a aproximação com as Artes Visuais e com os espaços organizados com vistas a receber adultos. Levamos a sério o desafio proposto por Dornelles (2013), ao pensar na relação da criança com a arte, como uma obra literária, ao se perguntar o que seria “de nossos textos, palavras, gestos e atos se não houvesse mistério, intervalos, silêncios” (p. 25), se não houvesse imaginação? Aquela imaginação que emerge quieta, silenciosa, sub-reptícia, que provém da observação das crianças, que advém dos detalhes, das minúcias que muitas vezes só elas conseguem viver, tornando únicas, ricas, alegres e prazerosas as interações que estabelecem. Como explica Girardello (2011) que a experiência imaginativa das crianças é o caminho para o conhecimento do mundo, de sua fruição estética e entendimento do que se apresenta ao seu redor.

Pensando na construção de uma pedagogia poética de imaginação com as crianças da escola, fomos atrás de espaços estéticos de arte. Neste momento, o desafio de Dornelles (2013) fez mais sentido para nós. Tal provocação possibilitou que fizéssemos muitas visitas aos espaços expositivos de arte, interações com materiais expressivos, organização das produções dentro da escola pelas crianças, trocas entre crianças e adultos, formações das educadoras. Tudo isso tornou possível a exposição “Ver diferentes versões é legal!”: um trabalho de curadoria feito por crianças no Museu Universitário da UFRGS².

A exposição³, que aconteceu em novembro de 2017, no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, começou a ser organizada no primeiro semestre do mesmo ano. A ousadia do convite gerou temores e uma profusão de

¹ DORNELLES, Amanda Eccel. *Crianças em espaços expositivos: abrimos a porta do gigante*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013.

² Todas as imagens aqui apresentadas fazem parte do acervo pessoal das autoras e da Escola InfânciaS.

³ A exposição foi possível graças ao envolvimento da equipe da Escola InfânciaS; da assessoria da professora de Artes: Vera Lúcia Parisotto Pinto; da equipe do Museu: Claudia Porcellis Aristimunha, Carla Elisabete Cassel Silva, Cidara Loguercio Souza, Eliane Muratore e José Francisco Flores.

inquietudes. Sabíamos por onde começar, mas não tínhamos material para pesquisar, como, dentro de um Museu Universitário, seria possível a um grupo de crianças, de 4 a 6 anos, tomar o lugar como seu, respeitando-se as prerrogativas do espaço e seus desejos e decisões. Observávamos aquilo que aponta Gabre (s/a,s/p), “não é função do ensino da arte transformar alunos em artistas e sim proporcionar a experiência estética com base em propostas desafiadoras”. Nossa preocupação era tornar visíveis as marcas, os traços, os respingos, os borrões, as pinturas, as criações, as produções realizadas nas interações, trocas e brincadeiras entre bebês e crianças na escola, pois há “um modo de aprendizagem próprio das crianças: direto, fantástico, transbordante, fabular, porque *admirado* diante das múltiplas situações de perplexidade e estranhamento a enfrentar” (RICHTER, 2005, p. 21). E é justamente isso que torna belas e singulares as interações, explorações e aprendizagens, já que existe uma entrega total do corpo que deseja sentir e experimentar cada material que é disponibilizado. Temíamos, portanto, que as crianças ficassem receosas em mediar as visitas ou ainda que não se sentissem autoras de todo o processo. Não era suficiente apenas expô-las à arte nos museus da cidade. Era necessário provocá-las, a ponto de ficarem atentas às formas, padrões, sons, ritmos, linguagens, traços, contornos e linhas. Em outros momentos, caminhávamos a seu lado a cada espaço visitado, pois “Ajudar a olhar pode ser simplesmente estar ao lado da criança, acompanhando-a naquele momento de espanto” (GIRARDELLO, 2011, p.79).

A escola e o que o cotidiano com crianças nos exige

No cotidiano de uma escola de Educação Infantil, coexistem muitas demandas e preocupações. Por um lado, a escola deve promover uma educação cuidadora que respeite os tempos dos bebês e das crianças e que acolha cada um que chegue com um sorriso e um desejo de bem-querer. Além disso, é preciso que se veja, escute e entenda suas linguagens manifestas em gestos, falas, choros, sorrisos, movimentos como expressões de desejos os quais devem ser significados, reconhecidos e legitimados. Que promova experiência no sentido daquilo que as toca, que as revela e as contamina, ou seja, que amplie suas vivências, interações e saberes. Que permaneça em atenção ao modo como o bebê manifesta seus desejos. Desejos esses manifestos muitas vezes por seu corpo, por seu toque, “[...] o tato como emoção, pois,

pelo toque das mãos, mantemos contatos que a linguagem verbal não consegue alcançar [...]” (MARTINS FILHO, 2016, p.19). Por outro, o trabalho da escola de Educação Infantil é feito em comunhão com a família, por meio de diálogos, trocas, do estar ao lado, amparando-as quando necessário.

Para a exposição se desenvolver, todo o quadro funcional precisou estar em constante diálogo e formação, já que o tempo para os adultos seria vivido, sentido, percebido de um modo diferente do tempo das crianças. Ou seja, o tempo na escola deveria ser vivido de diferentes modos. Para os bebês de um jeito, para as crianças mais velhas de outro, para quem adora brincar na areia de outro, para quem ama pintar os braços e colocar o pincel na boca de um jeito, para quem gosta de caminhar e conversar com o amigo imaginário de outro, quem ama contar histórias, quem prefere escutar, quem gosta de tirar tudo da estante e espalhar, quem ama derrubar torres, quem aprecia tomar mamadeira, quem se maravilha com um pedacinho de papel ou pedrinha, enfim, muitos modos de viver o tempo na escola. Cada criança e cada bebê deveria, na medida do possível, ter o seu tempo usufruído de modo único e prazeroso, mesmo com o “desatino” em relação ao horário, o que ainda gera muitos efeitos nas práticas educativas e nas relações da escola.

Outra questão que incide sobre as práticas pedagógicas na escola de Educação Infantil é a concepção de bebê e de criança. Se partirmos do pressuposto de que o bebê deve ser protegido de tudo e que nada ou pouco entende, as práticas são de uma forma; se acreditamos que o bebê deseja, entende, percebe o que acontece consigo e com o seu grupo, as práticas são outras. Assim, a escola irá organizar o espaço de uma maneira que possibilite esses encontros e trocas.

Bebês e crianças maiores podem e devem apontar, sugerir, opinar, deixar pistas, expressar, escolher, vivendo de modo protagonista muitas questões dentro da escola sem anular ou eximir as responsabilidades pertinentes às educadoras/educadores. Queríamos fortalecer o que ensina Malmann (2015, p.8), quando explica “que os modos como os bebês compreendem o tempo e espaço para

agirem sobre o mundo que os circundam difere, muitas vezes, consideravelmente das expectativas dos adultos”.

Ao recebermos o convite para a exposição, decidimos não mudar o percurso do trabalho dentro da escola. Continuaríamos brincando, ouvindo histórias, cantando, pesquisando, explorando materiais expressivos, fazendo visitas aos espaços expositivos. Buscávamos afirmar aquilo que apontam (LINO e RICHTER, 2019, p. 208), “compreender a ação educativa a partir da potência lúdica de produzir e projetar ações”.

Antes de nos reunirmos com a Equipe do Museu, compartilhamos a ideia com as crianças, retomando e lembrando as inúmeras visitas aos Museus, a organização das exposições, curadorias, mediações, algo que não havia sido objeto de conversa. Educadoras e crianças conheceram os projetos de Marta Cabral (2016) e, tal como a pesquisadora, desejávamos que a exposição começasse e encerrasse com as crianças, mas, diferente dela, as próprias crianças do grupo do Jardim fariam a curadoria. Não surpreendeu o fato de as crianças aceitarem com tranquilidade o desafio. Até aquele momento, pareceu que a grande preocupação fazia parte da vida da Equipe, cada vez mais angustiada por saber como seria, em detalhes, a exposição.

Nossa porta “do gigante”: a envidraçada porta do Museu da UFRGS

Realizamos o 1º encontro no Museu em maio de 2017 e, nessa conversa, após a explicação sobre a função do Museu Universitário, foi sublinhado que não faríamos uma exposição de obras de arte. Entendíamos que as crianças não são artistas, mas capazes de experimentar provocações, fazer artistagens, de modo a entrar e conhecer diferentes linguagens, descobrindo, brincando, sentindo prazer, gosto ou repulsa, pegando, lançando para longe, produzindo deliberadamente algo ou não, a partir da organização pedagógica planejada com vistas a promover e ampliar vivências infantis. Cunha (2012) aponta que o mais importante é o processo e não o produto. Levaríamos ao museu produções que carregassem uma experiência, às vezes, difícil de explicar, porque o bebê, ao explorar algo, o faz olhando, experimentando, cheirando, amassando, entregando-se por inteiro àquilo que lhe interessa. Para Pillotto (2009, p. 23), “Trata-se de fazer da

educação [de bebês] um espaço de experiências, de acontecimentos inesperados, imprevisíveis, de criação, o que significa pensar em uma educação que possa ser vivida em decibéis vibrantes”. Mas como descrever a imagem que segue e que não consegue mostrar a curiosidade dos bebês frente a uma moranga?

Imagem 1⁴ – Descobrindo a abóbora



Fonte: Acervo das autoras.

Os bebês expressam múltiplas linguagens através do seu corpo. Como contar sobre crianças pequenas pintando ao lado dos bebês, muitas delas pacientemente deixando que eles as lambuzassem e tomassem o seu espaço, derrubassem a tinta orgânica ou comessem parte dela?

Os bebês e muitas crianças experimentavam os materiais levando-os à boca, observando cores, barulhos, gosto, textura, etc. Os olhos penetravam fundo no que tocavam. Andarilhando pelo espaço ou absortos nas interações, os bebês produziam suas marcas de um modo singular do que fazer com o que viam diante de si.

Tivemos mais três encontros no Museu. Rondava a pergunta que não calava: “Como as crianças fariam a curadoria?”. Talvez isso gerasse receios que foram sendo minimizados, quando a equipe do Museu visitou a escola. Isto após as educadoras irem até o espaço para conhecê-lo e trocar ideias sobre o que bebês e crianças estavam realizando na escola para selecionar e expor.

⁴ Todas as imagens são do acervo pessoal das autoras.

As crianças visitaram o Museu e, embora o mezanino estivesse cheio de cadeiras no dia da visita, mais tarde na escola, em vários momentos, lembravam da escadaria de mármore, dos vazados perigosos aos bebês, dizendo: “Bem que a exposição que está agora no museu poderia deixar as grades de galinheiro para os bebês não caírem lá embaixo”. Afirmando: “A gente não pode colocar nada em frente do elevador, para não atrapalhar quem tá com a perna quebrada, quem vai na cadeira de rodas, quem é bem velhinho!” Questionavam: “Como é que a gente vai pendurar o nosso boi da cara preta?”. E um menino falou: “Mas como os adultos vão entrar no boi se ele ficar assim baixinho?”, ao que o outro respondeu: “Se o adulto for inteligente, ele vai levantar o boi e entrar dentro!”.

O que fazer com a arquibancada? As crianças tinham desenhado mentalmente, com riqueza de detalhes, a planta do mezanino. De algum modo, estávamos exercendo o que se refere Girardello (2011, p. 77): “Uma das condições mais frequentemente apontadas como favoráveis à imaginação é a possibilidade de fruição estética, especialmente o contato profundo da criança com a literatura e a arte” nos espaços da cidade. A partir de tais minúcias e atentas às manifestações das crianças, lançamo-nos a essa aventura que era a de compor com elas uma curadoria em um espaço de arte da cidade e, nesse espaço, viver uma experiência estética como nos ensina Pontes (2013), “encarnada” de significados.

A escola e o processo das artistagens para a exposição

As artes visuais são valorizadas pelas crianças, quando, em uma conversa, uma delas afirmou: “Acho que depois da exposição eu vou comprar uma Lamborghini!”. Nenhuma se mostrou indiferente ao que estava vivendo. Nessas falas, mostravam o quanto sabem sobre o valor de uma obra de arte. Atribuía a um trabalho exposto em um museu algo cheio de significações e valores culturais, mediados pelo consumo de um determinado bem social. Pensavam sobre as artes a partir de tudo o que vivem – passeios, visitas, conversas, histórias. Tínhamos que com elas aprender a não apenas olhar o mundo ao nosso redor, mas aprender a olhar para perceber o que sentiam e expressavam de seu mundo.

Foram meses intensos de trocas. A exposição criou um ritmo de trabalho no qual toda a comunidade escolar e a educadora de artes foram envolvidas. Vivenciamos de maneira colorida, lambuzada e alegre a imersão apaixonada das crianças em diferentes espaços e tempos durante as ricas práticas exploratórias e brincantes com inúmeros materiais expressivos.

A escola foi tomada por marcas e respingos, e sentiam-se o prazer e a alegria durante todo o processo vivenciado. As crianças passaram a falar das suas produções e se encarregar de expô-las nas paredes da escola, antes da difícil decisão sobre quais iriam para o Museu. O Jardim, grupo que realizou a curadoria com mais intensidade, tinha que entender o que ocorria nos demais grupos. Esses encontros foram de uma riqueza ímpar e, em um deles, durante a emblemática e recorrente questão sobre a representação ser ou não ser válida, as crianças de 2 a 3 anos apresentavam aos “grandes” três tipos de céus produzidos com papel cartolina, celofane, tecidos, tampas, retalhos, algodão,... Pontes (2013, p.17) poetiza, “Detive-me, enquanto voava, nas sutilezas deste chão; o impulso em seus movimentos também era retorno. Partida/retorno, chão/céu [...]”.

Os céus ainda não haviam sido finalizados, e uma delas contava sobre isso, quando foi interrompida por uma criança do Jardim, que afirmou que aquilo não parecia um céu. Todo mundo ficou se olhando! Quando uma das crianças tomou a palavra e explicou: “É céu sim! Sabe o que é? Tem muita *versão* de céu”.

Do céu surgem as diferentes *ver(sões)*

A mesma criança que afirmara que as produções não eram céus, indagou: “Que que é *versão*?”. E a resposta foi o que de melhor ouvimos: “Ora, *versão* é quando a gente faz de jeitos diferentes a mesma coisa, né!?”. Todo mundo entendeu e, a partir daquele momento, a palavra *versão* entrou e ficou dançando alegremente, por todos os espaços da escola. Assim surgia o nome da exposição e da curadoria do “Ver diferentes versões é legal!”: um trabalho de curadoria feito por crianças no Museu Universitário da UFRGS.

Essa é a experiência estética a que Vigotsky (2003) referia ao ensinar que a estética surgia da imaginação, possibilitando que o homem pudesse organizar o meio no qual estivesse inserido, do qual fizesse parte e o qual compusesse. Ao longo do projeto, as crianças, com suas ações ao se defrontar e se implicar com a exposição, demonstravam ir transformando histórias e narrativas em um novo conteúdo. De algum modo, exercíamos o “atuar favoravelmente sobre a imaginação infantil”, criando melhores condições para que as crianças dispusessem deste ‘tempo ou lugar — metáforas para a imaginação — onde pudessem exercitar sua curiosidade sobre as coisas do mundo, constituir conhecimento sobre elas e sobre si próprias, e viver mais plenamente o imaginável” (GIRARDELLO, 2011, p. 90). De maneira que crianças e adultos ficassem cada vez mais implicados na feitura da exposição, à medida que também se transformavam, modificando não só suas considerações sobre o que era organizar um trabalho de curadoria e a pesquisa que isso envolvia, mas também suas próprias experimentações e percepções. Desse modo, a estética não ficou em um campo restrito à artistagem das crianças, mas abrangia as situações do cotidiano da escola e do Museu.

O processo de formação das professoras para a exposição

Paralelamente ao trabalho com as crianças, organizávamos encontros de estudo com as professoras e retomávamos suas práticas pedagógicas e o processo de cada grupo. Cada professora deveria estar atenta às possibilidades das crianças e a quanto elas são competentes para interpretar, questionarem, externarem seu conhecimento e fazerem relações.

Muitos eram os nossos desafios e, dentre eles, aquilo que afirmam Lino e Richter (2019, p. 203),

[...] o de enfrentar a oposição histórica entre a razão e imaginação, ou seja, resistir ao consenso educacional de ser a imaginação nas crianças “natural” e “desregrada”, tão “livre” das amarras do corpo e do mundo quanto da racionalidade para afirmar que imaginação e razão se constituem na ambivalência de sua complementaridade.

Ainda, todos nós, adultos, teríamos de aprender a pensar seu pensamento, entender suas hipóteses e ousadias para compreendermos sua imaginação criadora, o mundo a sua volta e como lidar com ele. Nem tudo andava conforme o planejado. Tivemos longos períodos de chuva, o que dificultava, mas não impedia as produções com melecas, próprias para serem exploradas no pátio. Além disso, a professora do Jardim ficou afastada da escola devido a problemas de saúde. Ou seja, lidávamos a cada dia com as experiências do humano e, em cima disso, íamos organizando e construindo nossa exposição, inventando narrativas. Essas eram construídas por crianças e adultos e reinterpretadas a cada novo olhar pelas crianças; a todo o momento, cada participante desse trabalho ia acrescentando suas próprias histórias da construção da *curadoria com crianças*. Compunham essas narrativas as brincadeiras, as invencionices para os materiais, as artistagens, tudo isso que se transformava em histórias das crianças e se apresentava em uma versão narrativa. Essas narrativas constituíam uma ambiência em que, “com olhos arregalados e risadinhas, as crianças aconchegam-se e escutam a voz da moça de *jeans* ou vestido floreado — a professora. Entram na história que ela conta, quase fecham os olhos, feito estátuas. Mas, ao contrário do que parece, elas não estão nem um pouquinho paradas: cavalgam num corcel veloz, ocupadíssimas com aventuras muito longe dali” (GIRARDELLO, 2011, p.82-83). Em suma, eram narrativas ouvidas e contadas com fruição.

Os entrelaçamentos entre literatura, artes, narrativas e imaginação

A escola entende a potência das obras literárias, das narrativas clássicas e atuais usadas para deleite e também como fonte de pesquisa para as crianças. No ano de 2017, escolhemos explorar as obras de André Neves, portanto seus livros foram o mote para a exposição e operaram na confluência entre narrativas, literatura, música, materiais expressivos e plásticos que potencializavam nossas pesquisas sobre como fazer a *curadoria com crianças* no museu.

Aos bebês e às crianças pequenas foram contadas muitas histórias do autor. Com *Obax*, pesquisaram e aprenderam histórias, canções, brincadeiras de alguns países africanos e se deram conta, por exemplo, de que não teriam o cafuné se não

tivéssemos esta herança em nossa cultura. Isso significa dizer que as crianças e os bebês passaram a ter um papel ativo na construção da exposição e não eram mais um simples receptor, mas um agente capaz de transformar algo. Tratar dessa infância em sua alteridade nos possibilitou percebê-la de outro modo, capaz de promover suas próprias experiências que, neste caso, passavam por olhar para uma abóbora cozida, cheirá-la, ir ousando tocá-la levemente, comê-la, até quase entrar nela.

Imagem 2 – Exploração da moranga



Fonte: Acervo das autoras.

Os bebês brincaram e pintaram diferentes pedras, recolhidas na rua ou nos pátios da casa, transformando-as em bichos e objetos.

Imagem 3 – Entre pedras e tintas



Fonte: Acervo das autoras.

Interagiram com melecas e produziram um rio, misturando cores ao pisar, correr, pular e engatinhar na superfície plástica. As crianças descobriram que poderiam costurar pedaços de lenços ou tecidos para fazer o balão no qual, em suas imaginações, voariam para onde quisessem.

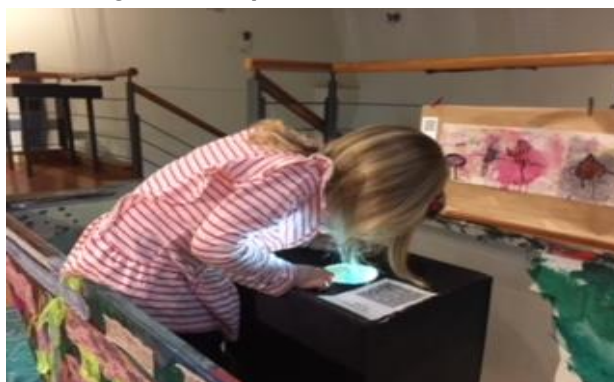
Imagem 4 – Brincando no cesto do balão



Fonte: Acervo das autoras.

Voando no balão, ouvindo, narrando, escutando, imaginando a partir de *Nuno e as coisas incríveis*, de André Neves, as crianças criaram invencionices, dentre elas bichos estranhos, um deles feito com pedras, argila preta e palitos, chamado por elas de *bicho cabeludo*. Espiavam pelo buraco da caixa iluminada, e com muita curiosidade, o *bicho cabeludo*.

Imagem 5 – Espiando o *bicho cabeludo*



Fonte: Acervo das autoras.

Também forraram caixas de diferentes tamanhos, com vistas a brincar montando e desmontando.

Imagem 6 – Caixas de monte-desmonte



Fonte: Acervo das autoras.

Usando fios de luz, as crianças criaram uma gaiola, inspiradas na obra *Tom*, e prenderam ali dentro bichos, objetos, desejos, singularidades de cada uma. Diziam: “Deve ser muito ruim ser um passarinho preso em uma gaiola!”.

Imagem 7 – Os bichos presos na gaiola



Fonte: Acervo das autoras.

Escutando, cantando, tocando músicas, ao longo de muitos dias, brincaram de colorir e os céus foram sendo produzidos, desmanchados, refeitos com diferentes materiais. Assim crianças do Jardim ajudaram a encontrar no Museu um espaço para o céu do Maternal. Quando questionadas sobre o lugar do céu no espaço do mezanino, afirmaram: “O céu tem que ficar baixinho, não é um céu de adulto!”.

Imagem 8 – Organizando o céu no Museu



Fonte: Acervo das autoras.

Destacaram as pedras pintadas pelos bebês, expondo-as em um plano bem baixinho. Procuraram tapar os vazados do mezanino, fixando o painel das comadres e, próximo a ele, deixaram o rio e, sobre o rio, a canoa. As meninas do Jardim continuaram se preocupando em resolver o problema dos vazados do mezanino, expondo a produção dos bebês na altura deles, afirmando: “Tapamos os buracos pros bebês não caírem, e a pintura que eles fizeram vai ficar na altura deles!”.

Imagem 9 – Organizando as explorações dos bebês no Museu



Fonte: Acervo das autoras.

“Quando a gente vai nas exposições dos adultos, as coisas ficam aqui óh!

Durante a curadoria, ouvimos e respeitamos as decisões das crianças e as suas escolhas; elas, por sua vez, entendiam quando desejavam fazer algo que não era possível em virtude das restrições do espaço.

Gabre (2016, p.111) indaga: “É possível pensar juntos, professoras da educação infantil e profissionais do museu, a proposta de um espaço expositivo que considere o público infantil e suas especificidades?” Durante todo o processo de pensar e organizar a exposição foi necessário o diálogo e a troca entre a Equipe da Escola e a Equipe do Museu. Compactuamos com Gabre, quando em sua tese trata da formação cultural dos professores “como formação colaborativa”, oportunidade ímpar em que profissionais e, principalmente, as crianças “possam habitar o museu de arte” (idem., p.204) e espaços de exposições.

Com a exposição, o Museu tornou-se um espaço próximo, no qual as crianças multiplicaram modos de ver e de dialogar sobre o que haviam produzido. Colocando-se como produtoras e falando com propriedade aos visitantes, convidavam quem chegasse a se aproximar, tratando cada pessoa com carinho e envolvendo-a na produção, não se furtando de abandonar a mediação caso sentissem cansaço ou vergonha, procurando algo para brincar.

Imagem 10 – As crianças mediando os visitantes



Fonte: Acervo das autoras.

Muitas descobertas. É possível sim, crianças como curadoras de exposições

Através da realização da exposição, é possível afirmar que as crianças têm muito a nos ensinar e a dizer sobre a organização de exposições nos Museus das cidades. Vimos isso quando são colocadas suas artistagens ao seu alcance, quando são implicadas nesta relação de organização e desmonte, abandono e descarte,

montagem e desmontagem, escolha de lugares etc. Como diziam: “Quando a gente vai nas exposições dos adultos, as coisas ficam aqui óh!” (apontando para uma dimensão do tamanho de um adulto), “agora eles vão ter que se abaixar e olhar aqui (na altura do nosso olho)”. Isso implicou convidar as crianças a irem além das ideias convencionais, além do até aqui imposto a elas nas “exposições dos grandes”. Foi um passo necessário para a apropriação individual do que estávamos aprendendo sobre organizar com crianças em um espaço no Museu. Fizemos do conhecimento nossa propriedade. Nessa exposição, as crianças não foram meros leitores passivos de um trabalho de artes; pelo contrário, suas artistagens se mantiveram incorporadas à nossa vida. Desse modo, afirmamos que: “Ver diferentes ver(sões) é legal”!

Referências

BARROS, Manoel de. *Só dez por cento é mentira*. Disponível em: <<http://estudiosopa.com.br/tag/manoel-de-barros/>> Acesso em: março de 2019.

CABRAL, Marta. *As Coisas partidas podem ser bonitas: crianças pequenas exploram e brincam com a arte*. Lisboa: APEI, 2014.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). *As Artes no Universo Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DORNELLES, Amanda Eccel. *Crianças em espaços expositivos: abrimos a porta do gigante*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013.

GABRE, Solange de Fátima. *Museu Alfredo Andersen: o setor educativo e sua relação com a escola*. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/museu> Acesso em:

GABRE, Solange de Fátima. *Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de formação colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001010712&loc=2017&l=19d35757a476d317>>. Acesso em: 06 de março de 2018.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. *Revista Pró-posições*. Campinas, v. 22. n. 2, p. 75-92, maio/ago. 2011. <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643263>> Acesso em: 06 de março de 2018

LINO, Dulcimarta, RICHTER, Sandra. Rodas poéticas: experiências lúdicas de linguagem na Educação Infantil. In: ALBUQUERQUE, Simone; CORSO, Luciana; FELIPE, Jane. *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p.197-221.

MALMANN, Elisete. *Materiais potencializadores: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis com bebês-potência no contexto de um berçário*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2015.

MARTINS FILHO, Altino José (Org). Prefácio. In: *Educar na creche: uma prática construída com bebês e para bebês*. Porto Alegre: Mediação, 2016.

NEVES, André. *Obax*. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

NEVES, André. *Nuno e as coisas incríveis*. São Paulo: Jujuba Editora, 2016.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Uma Educação pela Infância: Diálogo com o currículo do 1º ano do ensino fundamental*. Joinville, SC: Editora Univille, 2009.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. *Arte na educação da infância: saberes e práticas da dimensão estética*. 2013. 239f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RICHTER, Sandra. *A dimensão ficcional da arte na educação infantil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

VIGOTSKY, L.S. *La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico*. Madrid: Akal, 2003.

Magali Oliveira Frassão

Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente atua na Coordenação/Direção da InfânciaS Escola de Educação Infantil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação.

E-mail: mundodac@terra.com.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5388450501410080>

Leni Vieira Dornelles

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Porto Alegrense (1983), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Atualmente é Professor Titular da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículos Específicos da Educação Infantil. Atua principalmente, nos seguintes temas: educação; educação infantil educação; formação de professor; ciberinfância; pesquisa com crianças; estudos da criança; raça, racialidade e infância; historicidade da infância.

E-mail: lvdornelles@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3511046334487379>

Recebido em 29 de abril de 2019

Aceito em 28 de agosto de 2019